

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Tatiana Reis Teixeira Andrade

**ALFABETIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
AS CONTRIBUIÇÕES DO BRINCADÁRIO**

Belo Horizonte

2012

Tatiana Reis Teixeira Andrade

**ALFABETIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
AS CONTRIBUIÇÕES DO BRINCADÁRIO**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em Alfabetização e Letramento, pelo curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Marcilaine Soares Inácio Gomes

Belo Horizonte

2012

Tatiana Reis Teixeira Andrade

**ALFABETIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
AS CONTRIBUIÇÕES DO BRINCADÁRIO**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em Alfabetização e Letramento, pelo curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Marcilaine Soares Inácio Gomes

Aprovado em 14 de julho de 2012.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Marcilaine Soares Inácio Gomes – LASEB/Faculdade de Educação da UFMG
(Orientadora)

Prof^a. Dr^a. Clenice Griffo – LASEB/Faculdade de Educação da UFMG
(Convidada)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente a Deus,
pela saúde, fé e perseverança que tem me dado.

Especialmente,
aos meus pais, Nivaldo e Delba, os quais amo muito,
pelo exemplo de vida e família,
pelo amor incondicional e pela paciência,
demonstrando que a superação nos momentos
difíceis valem a pena, por estarmos ao lado de quem
realmente se importa com nosso sucesso;
ao meu marido, José Rodrigo,
pelo incentivo a busca de novos conhecimentos,
por compreender a importância dessa conquista
e aceitar a minha ausência quando necessário,
acreditando e respeitando minhas decisões;
ao meu maior presente, minha filha querida, Manuela.

Aos meus queridos alunos da Turma da Girafa e do Golfinho
Pelas diversas manifestações de carinho, entusiasmo,
e inúmeros momentos compartilhados.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que de alguma forma contribuíram na concretização deste trabalho.

À minha Prof^a. Dr^a./Orientadora, *Marcilaine Soares*, pelas palavras de experiência acurada, empenho e estímulo, bem como pela confiança que depositou em mim, permitindo que, com liberdade, chegasse a bom porto e concluísse o meu trabalho.

À equipe do *LASEB/UFMG*.

Aos amigos de classe, pouco tempo talvez para escrever uma história, mas muito para preencher mais um capítulo importante que compõe minha vida, a vocês em especial *Janine Rocha, Danielle Cristina, Shirley Angelina e Francismeiry Pereira* pelas ótimas histórias vividas e longos papos nos intervalos do curso, pela amizade e por ajudar a tornar a vida acadêmica muito mais divertida.

À *Andréia Shirley Taciana de Oliveira “Helena Reis Diniz”* futura Mestra, pela paciência, sábios conselhos, revisões, correções e por todos os momentos em que precisei e que estava à disposição para ajudar.

À Família *EMPEV*, escola na qual trabalho, à direção, às coordenadoras *Eliane Lopes e Marileusa*, às crianças, aos pais e principalmente às professoras *Ana Lúcia Simplício e Ocimar Regina* que compartilharam e vivenciaram comigo toda essa experiência.

Aos amigos da turma que souberam entender a minha ausência nos muitos momentos desde que ingressei no curso, até a conclusão deste trabalho.

Enfim a *todos* que direta ou indiretamente fazem parte dessa história. Meu carinho e muito obrigado!

*“Se a educação sozinha não transforma a sociedade,
sem ela, tampouco, a sociedade muda.”*

Paulo Freire

RESUMO

A educação infantil e sua concepção como primeira etapa da educação básica, conforme a *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional* (LDBEN) legisla que às crianças de 0 a 5 anos deve ser oferecida educação em creches e pré-escolas. Em virtude do que define o artigo 29 da referida lei, segundo o qual esta etapa da educação básica tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade, a Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte deu início no ano de 2009 ao processo de reformulação dos referenciais curriculares para a rede municipal de ensino. O objetivo foi discutir e construir coletivamente as *Proposições Curriculares Para Educação Infantil de Belo Horizonte*. Sendo assim, este trabalho tem por finalidade descrever e analisar a prática docente baseada na metodologia de projetos, especificamente o Brincadário, realizada com a turma de educação infantil na ESCOLA MUNICIPAL PROFESSORA EFIGÊNIA VIDIGAL, onde foram desenvolvidos alguns projetos ligados ao movimento (movimento de corpo/educação física) e à alfabetização. Para isso será descrita e analisada a minha prática docente cotidiana e o trabalho realizado com o projeto do Brincadário, a fim de conscientizar os professores sobre a sua importância no processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: alfabetização, corpo, movimento, Brincadário, ensino-aprendizagem, educação infantil.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	09
2. EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL NO CONTEXTO ATUAL.....	11
3. EDUCAÇÃO INFANTIL EM BELO HORIZONTE.....	14
4. PLANO DE AÇÃO.....	17
4.1 Breve histórico da escola e comunidade atendida.....	17
4.2 Descrição do Espaço Físico.....	18
4.3 Prática e Ambiente Pedagógico.....	19
4.4 Perfil da turma em que foi realizada a intervenção prevista no plano de ação.....	23
4.5 Fundamentação teórica do plano de ação.....	26
4.5.1 O conceito de Alfabetização.....	26
4.5.2 O conceito de Ambiente Alfabetizador.....	27
4.5.3 Brincadeira e Aprendizagem.....	29
4.6 Caminho metodológico percorrido.....	29
4.7 Apresentação e análise dos dados coletados.....	30
4.8 A intervenção.....	31
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
6. REFERÊNCIAS.....	36
7. APÊNDICE 1.....	39
8. APÊNDICE 2: Avaliação do Plano de Ação	43

1. INTRODUÇÃO

A educação infantil e sua concepção como primeira etapa da educação básica está atualmente regulamentada pela *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional* (LDBEN), 9394/96, sancionada em 20 de dezembro de 1996. Em virtude desta lei e de outras vitórias normativas advindas dela, a Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte deu início no ano de 2009 ao processo de discussão e formulação, coletiva e dialogada, das *Proposições Curriculares Para Educação Infantil de Belo Horizonte* viabilizada devido aos vários encontros regionalizados realizados.

Contudo, a elaboração desse documento e do Projeto Político-Pedagógico das escolas e unidades infantis de educação fundamenta as intenções, ações e interações que traduzem a concepção que se tem sobre a criança, a função da educação infantil e o papel dos pais, dos educadores e da sociedade no município de Belo Horizonte.

Nesse sentido, as crianças do meio urbano vivem em um ambiente no qual a palavra escrita está presente por toda parte e que as práticas culturais relacionadas à leitura e a escrita estão presentes e são uma constante na vida delas. Isso faz com que, mesmo não estando alfabetizadas, elas criem suas hipóteses sobre esse complicado sistema de representação.

Sabendo-se que alfabetizar nesta etapa não é uma exigência, mas que está sujeita a acontecer. Não se pode negar que esse assunto permeia o universo discursivo dos professores e que não é descartada a possibilidade de criar um ambiente propício à compreensão, pelas crianças, das práticas culturais que envolvem a leitura e a escrita, por exemplo, a constante utilização do cantinho de leitura próximo à biblioteca da sala, caixas com revistas, gibis e jornais, murais com produções das crianças, escrita do jornal da turma, prateleiras com fantoches, jogos pedagógicos e bingo contendo as letras do alfabeto.

Nesse sentido, cabe mencionar que este trabalho tem por objetivo descrever e analisar a prática docente baseada na metodologia de projetos, especificamente o Brincadário, realizada com a turma de educação infantil na ESCOLA MUNICIPAL PROFESSORA EFIGÊNIA VIDIGAL, onde foram desenvolvidos alguns projetos ligados ao movimento (movimento de corpo/educação física), à alfabetização e à informática. Cabe ressaltar que o desenvolvimento de atividades significativas parte do conhecimento e interesse das crianças da escola, procurando sempre respeitar e atender às características e necessidades específicas relativas a cada faixa etária (e também às necessidades especiais), possibilitar a construção da identidade e autonomia nas relações sociais, desenvolver e estimular o processo de socialização das crianças, bem como a apropriação dos bens culturais, com o objetivo de favorecer o desenvolvimento/aprendizagem em todas as áreas (físico, afetivo, cognitivo, social).

Para isso será descrita a prática docente cotidiana e o trabalho realizado com o projeto do Brincadário, a fim de torná-los mais significativos e conscientizar os professores sobre a importância de compreender as características do desenvolvimento infantil e suas especificidades, possibilitando assim intervenções coerentes e contribuições importantes para a criança que está em permanente processo de descobertas de si mesma, do outro e do mundo ao seu redor.

Assim, primeiramente será abordada a educação infantil no Brasil no contexto atual, para depois discutir a Educação Infantil em Belo Horizonte. Logo após, será feita a caracterização da escola investigada, descrita em um breve histórico, da comunidade atendida, do espaço físico, da prática institucional, do ambiente pedagógico e do perfil da turma em que foi realizada a intervenção prevista no plano de ação. Em seguida será apresentado o conceito de alfabetização usado pela ESCOLA MUNICIPAL PROFESSORA EFIGÊNIA VIDIGAL, o conceito de ambiente alfabetizador e do significado do brincar e do aprender na Educação Infantil. Por último será refeito o caminho percorrido pela pesquisa, apresentando a análise dos dados coletados e o desenvolvimento do plano de ação, chegando às considerações finais sobre a pesquisa realizada.

2. EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL NO CONTEXTO ATUAL

A expressão educação infantil e sua concepção como primeira etapa da educação básica está, regulamentada nacionalmente pela *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional* (LDBEN), sancionada em 20 de dezembro de 1996. Conforme o artigo 30 dessa lei às crianças de e 0 a 5 anos deve ser oferecida educação em creches e pré – escolas. Este direito já estava assegurado na Constituição de 1988 e reafirmado no Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990 e a sua tradução em diretrizes e normas, no âmbito da educação nacional, representa um marco histórico de grande importância para a educação infantil em nosso país.

A inserção da educação infantil na educação básica, como sua primeira etapa, é o reconhecimento de que a educação começa nos primeiros anos de vida e é essencial para o cumprimento de sua finalidade, afirmada no artigo 22 da LDBEN: “a educação básica tem por finalidade desenvolver o educando, assegurar – lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer – lhes meios para progredir no trabalho e nos estudos posteriores”.

Cabe ressaltar que a educação infantil recebeu um destaque na LDBEN 9394/96, inexistente nas legislações anteriores e é tratada na Seção II, do capítulo II (Da Educação Básica), nos seguintes termos:

Art. 29 A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem com finalidade o desenvolvimento integral da criança até os seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

Art. 30 A educação infantil será oferecida em: I – creches ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade; II – pré – escolas para crianças de quatro a cinco anos de idade.

Art. 31 Na educação infantil a avaliação far – se – á mediante acompanhamento e registro de seu desenvolvimento, sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao ensino fundamental.

É importante destacar, além do que já comentamos, a respeito da educação infantil como primeira etapa da educação básica que conforme os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil:

1) A necessidade de que a educação infantil promova o desenvolvimento do indivíduo em todos os seus aspectos, de forma integral e integrada, constituindo-se no alicerce para o pleno desenvolvimento do educando. Para promover o desenvolvimento integral da criança na faixa etária de 0 a 5 anos torna – se imprescindível a indissociabilidade das funções de educar e cuidar.

2) Sendo a ação da educação infantil complementar à da família e à da comunidade, deve estar com essas articuladas, o que envolve a busca constante do diálogo com as mesmas, mas também implica um papel específico das instituições de educação infantil no sentido de ampliação das experiências, dos conhecimentos da criança, seu interesse pelo ser humano, pelo processo de transformação da natureza e pela convivência em sociedade.

3) Ao explicitar que a avaliação na educação infantil não tem objetivo de promoção e não constitui pré – requisito para acesso ao ensino fundamental, a LDB traz uma posição clara contra as práticas de alguns sistemas e instituições que retêm as crianças na pré – escola até que se alfabetizem, impedindo seu acesso ao ensino fundamental aos seis anos.

4) Avaliação pressupõe sempre referências, critérios, objetivos e deve ser orientadora, ou seja, deve visar o aprimoramento da ação educativa, assim como o acompanhamento e registro do desenvolvimento (integral, conforme Art. 29) da criança deverá ter como referência objetivos estabelecidos no projeto pedagógico da instituição e o professor. Isto exige que o profissional da educação infantil desenvolva habilidades de observação e de registro do desenvolvimento da criança e que reflita permanentemente sobre sua prática, aperfeiçoando – a no sentido do alcance dos objetivos.

Além da seção específica sobre a educação infantil, a LDBEN também define em outros artigos aspectos relevantes para essa etapa da educação. Assim, quando trata “Da Organização da Educação Nacional” (título IV), estabelece o regime de colaboração entre a União, os Estados e os Municípios na organização de seus sistemas de ensino, e afirma, no inciso V, do artigo 11 que cabe ao município a responsabilidade por essa etapa da educação, com o apoio financeiro e técnico de esferas federal e estadual.

3. EDUCAÇÃO INFANTIL EM BELO HORIZONTE

Em virtude das vitórias normativas, a Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte deu início no ano de 2009 ao processo de reformulação dos referenciais curriculares para a rede municipal de ensino. Foram realizados vários encontros regionalizados com o objetivo de discutir e construir coletivamente as *Proposições Curriculares Para Educação Infantil de Belo Horizonte*.

Um aspecto que foi considerado relevante pela equipe organizadora foi a participação tanto das escolas da rede municipal quanto das instituições conveniadas (creches) para a reformulação destes parâmetros, tendo em vista que tal dinâmica de elaboração valoriza e legitima a atuação, as experiências e os conhecimentos acumulados pelos educadores que lidam com essa etapa de ensino. Depois desse importante passo, o documento ficou pronto e, durante o ano de 2010, foi disponibilizado para todas as escolas e instituições conveniadas para que estas pudessem corrigir alterar ou incluir algum item que se fizesse necessário no prazo máximo de dezembro de 2010.

Estas referências para a educação infantil, ou seja, as *Proposições Curriculares para Educação Infantil* devem orientar a elaboração dos Projetos Político-Pedagógicos das escolas e das unidades infantis de educação, subsidiando os diversos saberes e fazeres que circulam no dia-a-dia escolar. De acordo com o documento;

Não se trata, porém, de propor uma antecipação da escolaridade com o formalismo do Ensino Fundamental, mas direcionar o trabalho dos profissionais que atuam nessa instância, no sentido de traduzir a intencionalidade educativa em atividades cotidianas (BELO HORIZONTE, PROPOSIÇÕES CURRICULARES PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL, 2010).

Decerto que a elaboração desse documento não significa definir um elenco de conteúdos que deve ser desenvolvido em determinado tempo e sequência ou tampouco, um conjunto de atividades educativas organizadas em uma rotina, pois seu intuito é apontar direções que possam ser adequadas a cada realidade escolar. Logo, tanto o referido documento, quanto o projeto educativo de cada instituição,

compõe propostas pedagógicas e curriculares que devem ser abertas, flexíveis e constantemente atualizadas.

Desse modo, o projeto político-pedagógico constitui-se como um conjunto de intenções, ações e interações vivenciadas no cotidiano da instituição e devem estar registradas nesse documento que o expressa. Tais intenções, ações e interações traduzem a concepção que se tem sobre a criança, sobre a função da educação infantil e sobre o papel dos pais, dos educadores e da sociedade.

Entre as profissionais de educação infantil é muito comum o debate sobre alfabetizar ou não na educação infantil. Algumas pessoas defendem que sim e outras que não. No entanto, é fato que as crianças do meio urbano vivem em um ambiente no qual a palavra escrita está presente por toda parte e que as práticas culturais relacionadas à leitura e a escrita estão presentes e são uma constante na vida delas. Isso faz com que, mesmo não estando alfabetizadas, elas criem suas hipóteses sobre esse complicado sistema de representação. Assim, parece que a dúvida sobre a questão de alfabetizar ou não alfabetizar as crianças na educação infantil não seja realmente a mais importante.

Ao longo de 6 anos atuando como educadora da rede municipal de Belo Horizonte de educação, é perceptível em conversas com profissionais dessa rede, que em algumas instituições de educação infantil, há certa liberdade de se trabalhar num ambiente em que podemos facilitar o acesso à alfabetização e em outras não. Há relatos de educadores que tiveram suas atividades interrompidas, afastando as crianças de inúmeras oportunidades de se desenvolverem nos aspectos cognitivos.

De certa maneira, vivencio um pouco essa realidade. Na escola que eu trabalho, tenho trabalhado no sentido de criar um ambiente propício à inserção, das crianças, nas práticas culturais que envolvem a leitura e a escrita, por exemplo, a constante utilização do cantinho de leitura próximo à biblioteca da sala, o livre acesso a caixas com revistas, gibis e jornais; a prateleiras com fantoches, jogos pedagógicos e bingo contendo as letras do alfabeto; montagem de murais com produções das crianças e produção escrita do jornal da turma, entre outras. Porém, há uma cobrança dos pais

e professores do ensino fundamental em relação às turmas da educação infantil para que se alfabetizem as crianças.

4. PLANO DE AÇÃO

4.1 Breve histórico da escola e comunidade atendida

A Escola Municipal Professora Efigênia Vidigal (EMPEV), foi fundada em 08 de fevereiro de 1981 e recebeu esse nome em homenagem a uma educadora que atuou na instituição. A EMPEV nasceu da reivindicação e necessidade de uma comunidade que estava em franco crescimento e seus membros tinham que deslocar-se muito para levar os filhos até a escola. Assim, acompanhada pelos atentos olhares da comunidade, foi erguida a nova escola que receberia alunos e professores da Escola Municipal Mestre Ataíde (EMMA), que até então, atendia as crianças da 1ª a 4ª série.

A EMPEV está localizada na região oeste de Belo Horizonte, no bairro Palmeiras, ocupando um espaço geográfico privilegiado na comunidade. A escola fica num local de fácil acesso, sendo atendida por quatro linhas de ônibus. Em 1999 a EMPEV passou a atender a Educação Infantil (doravante denominada simplesmente, EI) com crianças de 05 anos, em mais uma ação pioneira. No entanto, hoje possui diversos programas como: Escola Aberta (PEA), Escola Integrada (PEI), Escola nas Férias (PEF); Saúde na Escola (PSE), dentre outros. A escola também está em fase terminal de construção de seu Projeto Político Pedagógico (PPP), cuja escrita iniciou-se no ano de 2010.

A escola atende a comunidade do bairro Palmeiras, Estrela do Oriente, Betânia, Burity, Estrela D'alva, Vila Paraíso, Vila Bernadete e outras vilas que ficam às margens da BR-262 – Regional Barreiro. Até o ano passado a Prefeitura de Belo Horizonte (PBH) disponibilizava transporte para trazer os alunos da Vila Bernadete, em virtude da distância entre a escola e a vila e do número de alunos que se deslocam por um caminho longo e perigoso, inclusive crianças da EI.

Cabe ainda ressaltar que o nível sócio-econômico de grande parte dos educandos é considerado de baixo poder aquisitivo, embora também sejam atendidas crianças de outras localidades com melhor nível sócio econômico.

4.2 Descrição do Espaço Físico

A EMPEV foi construída em 07 blocos e nesse espaço físico atende três modalidades, 1- Educação Infantil (EI), 2-Ensino Fundamental (EF) e 3-Educação de Jovens e Adultos (EJA), nos três turnos.

Há 02 entradas; 01 estacionamento; 15 salas de aulas - 13 para EF e 02 para EI (somente no turno da tarde); 03 salas para aulas de Intervenção Pedagógica; 01 sala de professores com 02 banheiros; 01 sala de coordenação geral; 01 sala de coordenação do PEI; 01 sala de direção com uma pequena sala para o serviço de Caixa Escolar; 01 secretaria; 01 sala de mecanografia; 01 pequena sala usada para guardar material do PEA; 01 auditório que funciona também como sala de vídeo; 02 pátios (01 coberto e o outro com bancos de concreto e brincadeiras pintadas no chão); 01 quadra coberta com depósito para material esportivo; 01 cantina com refeitório; 01 biblioteca; 02 laboratórios de informática (01 para o PEI); 01 teatro de arena; 01 parquinho com 01 casinha de concreto; 08 mesas de totó; 02 banheiros com 01 vestiário para funcionários; 04 banheiros para alunos, 02 ficam no pátio central com 03 sanitários cada um e 02 chuveiros e os outros 02 ficam no último bloco com 08 sanitários cada um, sendo que 06 foram adaptados, juntamente com a pia, para a educação infantil e 01 banheiro para cadeirante e/ou deficiente físico.

Com vistas a atender prioritariamente aos alunos com deficiência física, a escola também possui corrimãos e rampas de acesso ao pátio central, às salas de aula, ao teatro de arena, à quadra, ao parquinho, à biblioteca e ao laboratório de informática. Tudo isso distribuído em uma área de aproximadamente 2.500m² com muitas árvores e plantas ornamentais adquiridas graças ao prêmio de um concurso promovido pelo Departamento de Parques e Jardins em parceria com a Secretaria

Municipal de Educação (SMED), em que a escola participou em seu primeiro ano de funcionamento.

As 15 salas de aula são amplas e bem arejadas. Todas elas possuem armários de parede sob bancadas que servem de apoio para exposição de trabalhos, além dos armários de aço para guardar o material dos professores. Tem também uma biblioteca de sala de aula, com livros de literatura infanto-juvenil, dicionários, gramáticas e livros de apoio para o trabalho do professor/educador. As salas possuem 04 janelas grandes com cortinas, criando um ambiente aconchegante e confortável. Nelas há espaço suficiente para dispor as carteiras de variadas maneiras, oferecendo ao professor uma gama de opções de reagrupamentos favorecendo, assim, o trabalho coletivo. Há carteiras grandes em 13 salas que são das turmas do EF e há carteiras pequenas para as 02 salas da EI.

Contudo, o espaço para brincar é limitado. Há um parquinho, que é frequentado por todas as turmas do 1º ciclo do EF, e um pequeno espaço atrás da quadra. No entanto, tudo está disposto a tornar esses diversos espaços aconchegantes para acolher as crianças.

4.3 Prática e Ambiente Pedagógico

Para articular as reflexões acima e a vivência experienciada pelos professores no dia a dia, será descrita a minha prática docente atual na sala de aula com as crianças.

Atualmente, exerço minhas atividades docentes como professora de apoio nas turmas de 3 (três), 4 (quatro) e 5 (cinco) anos numa escola de Educação Infantil (Escola Municipal Maria Sales Ferreira – EMMSF), no turno da manhã e, também como professora de apoio em 2 (duas) turmas de Educação Infantil, com crianças na faixa etária de 5 (cinco) anos, numa escola de Ensino Fundamental (Escola Municipal Professora Efigênia Vidigal – EMPEV), no turno da tarde.

No entanto, descreverei a prática realizada na EMPEV, onde desenvolvo alguns projetos ligados ao movimento (movimento de corpo/educação física), à alfabetização e à informática. Cabe ressaltar que, acredito na metodologia de trabalho com projetos e no desenvolvimento de atividades significativas que partem do conhecimento e interesse das crianças. Sendo assim, a proposta da nossa escola tem o objetivo de respeitar e atender às características e necessidades específicas relativas a cada faixa etária (e também às necessidades especiais), possibilitar a construção da identidade e autonomia nas relações sociais, desenvolver e estimular o processo de socialização das crianças, bem como a apropriação dos bens culturais, com o objetivo de favorecer o desenvolvimento/aprendizagem em todas as áreas (físico, afetivo, cognitivo, social).

Na EMPEV estão em andamento os seguintes projetos institucionais e educativos: “Identidade”; “Aniversariantes”; “Projeto Literário” realizados pela professora referência e os projetos de “Meio Ambiente”; “Água”; “Nome da Turma”; “Jornal” e “Corpo em Movimento: Músicas e Brincadeiras” realizados por mim (professora de apoio); que são interligados com a proposta da escola, interdisciplinares e abraçados por toda a equipe de profissionais e comunidade. Realizamos, também, anualmente a *Mostra Cultural*, quando apresentamos os trabalhos desenvolvidos durante o ano letivo com as crianças, além de diversos passeios a parques, museus, cinemas, teatros, exposições, zoológico, que são realizados para que as crianças possam explorar, pesquisar e constatar as experiências vivenciadas.

Assim, minha prática cotidiana torna-se mais significativa, ao conscientizar-me sobre a importância de compreender as características do desenvolvimento infantil e suas especificidades, possibilitando assim intervenções coerentes, pois esse é um período em que a criança está em permanente processo de descobertas de si mesma, dos outros e do mundo ao seu redor.

Conforme Piaget (1975), “por estarem no período operacional-simbólico, necessitam sentir, manipular os objetos, explorá-los, para assim construir novos conceitos”. Ou seja, todo o corpo e os sentidos constituem-se como mediadores de toda a aprendizagem.

Assim, utilizo brincadeiras, músicas e atividades de arte, para que a criança possa projetar os seus desejos, seus sonhos, suas intenções, elaborar sentimentos e fatos vivenciados em seu dia a dia, através dos jogos do faz-de-conta e das histórias. As atividades têm sempre um caráter lúdico, dinâmico, criativo, desafiador e interdisciplinar, por isso, enfatizo a interação social, autonomia, responsabilidade e curiosidade. Daí a importância de se estabelecer uma atenção individualizada. Os conteúdos e noções abordadas são vistos como meio e não como fim da aprendizagem.

No trabalho que nós, professoras da EMPEV, realizamos diariamente, permitimos e estimulamos as crianças na interação com a língua escrita, nos mais variados contextos; para isso, realizamos trabalhos em grupos e/ou duplas, desenvolvendo a cooperação e a produção de texto coletivo. Desenvolvemos atividades com a escrita do nome próprio; contamos muitas histórias, explorando a capa, as figuras e os textos de vários tipos de livros; reservamos um horário semanal de leitura na biblioteca; apresentamos os diversos tipos de letras; estimulamos a escrita espontânea e orientamos as crianças no sentido de que não tenham medo de errar; incentivamos as mesmas a pedir e receber informações, escutamos as crianças no dia a dia e fazemos exposições de seus trabalhos na sala de aula e nos corredores da escola. Pois, sabemos que a alfabetização é um processo, que envolve um conjunto de habilidades e que:

[...] a alfabetização passa a ser uma tarefa interessante, que se dá lugar a muita reflexão e a muita discussão em grupo. A língua escrita se converte num objeto de ação e não de contemplação. É possível aproximar-se dela sem medo, por que se pode agir sobre ela, transformá-la e recriá-la (FERREIRO, 2003, p. 32).

Um dos projetos que desenvolvo na EMPEV e que tem ganhado significado a cada passo dado é o *Projeto Jornal da Turma*. Isso porque quanto maior o acesso das crianças da educação infantil às diferentes linguagens, maior será a amplitude do seu universo cultural.

Assim, o trabalho é iniciado com a apresentação de diversos portadores de textos, tipos e tamanhos de jornais, além de rodas de conversas, pesquisas, discussão sobre o assunto dos portadores mostrados (como foi feito, para quê, para quem) e o

que colocaríamos no *Jornal*. Em seguida, faz-se a montagem do Boletim Informativo (gênero identificado pela turma após pesquisas realizadas na biblioteca) com as notícias das principais atividades realizadas pelas turmas, utilizando-se a escrita coletiva e registro em fotos. Esse *Boletim* é bimestral, exposto na sala de aula e entregue para toda a escola e para a família.

Com esse trabalho temos conseguido criar uma sala de aula com diferentes assuntos e desenvolver um ambiente alfabetizador. Estimulamos, também, o desejo de ler e escrever, a socialização do saber, fazendo com que a criança pense sobre suas hipóteses e conceitos prévios, apresentando desafios, problemas, questionamentos e diferentes visões e posicionamentos.

Nesse sentido, privilegiamos o trabalho realizado pela turma, com exposições das atividades realizadas pelas crianças, colocados à altura delas, para que elas possam manusear, observar, identificar, apontar, criticar, comparar, classificar, interpretar as informações e expor o que “leram” das imagens. O trabalho é conduzido dessa forma porque acreditamos que a criança alfabetiza-se em contexto de interação com material escrito real e em situações que envolve as práticas de leitura e escrita para assim descobrir para que serve um jornal, uma biblioteca, uma propaganda para serem utilizados no dia a dia.

Para garantir a aprendizagem, fazemos reuniões periódicas para avaliar o andamento dos projetos, programar e definir ações pontuais para as dificuldades surgidas ao longo do processo; a qualificação do corpo docente é incentivada e é comum a realização de cursos e palestras. Além disso, há a realização anual da *Festa da Família* de forma a envolver pais e alunos em seu âmbito escolar. São montados stands abordando diversos temas como: instrumentos musicais; brincadeiras; esportes; comidas; artesanatos e danças.

O trabalho direto com crianças pequenas exige que nós, professores, tenhamos diversas competências para trabalhar com conteúdos de naturezas variadas que abrangem desde cuidados básicos até conhecimentos específicos, provenientes de diversas áreas do conhecimento. E, isto, demanda, por sua vez, uma formação

ampla do profissional, que deve tornar-se, também, um aprendiz capaz de refletir constantemente sobre sua prática, debatendo com seus pares, dialogando com as famílias e a comunidade, de maneira a buscar informações necessárias para o trabalho que desenvolve, pois esses são instrumentos essenciais para a reflexão sobre a prática direta com as crianças, a observação, o registro, o planejamento e a avaliação. Logo, ressalto que esses aspectos são fundamentais no trabalho que realizo atualmente.

4.4 Perfil da turma em que foi realizada a intervenção prevista no plano de ação

O trabalho foi realizado somente em uma turma e a escolhida foi a Turma da Girafa, Sala 27 da EMPEV, da professora referência Ana Lúcia, devido a apresentar crianças com níveis de aprendizagens muito diferentes, o que se constitui como um grande desafio.

Nessa turma, iniciamos o ano letivo com 16 (dezesesseis) meninos e 09 (nove) meninas. Algumas crianças já estavam adaptadas ao ambiente escolar, pois frequentaram outra escola no ano anterior. Aos poucos a turma foi se apropriando do novo espaço escolar, construindo regras, estabelecendo sua rotina, se constituindo como grupo.

No entanto, quando este se reconhecia, aconteceram novas mudanças. A professora referência da sala, Rosimeire, e uma criança da turma precisaram sair da escola. A professora Rosimeire foi substituída pela professora Ana Lúcia, que foi muito bem recebida e aceita. Passados alguns dias, tivemos a entrada de uma criança novata, que também foi bem acolhida pelos colegas da turma. Novas adaptações, várias conversas. Tudo muito discutido na rodinha, onde falamos das relações de amizade, respeito, das perdas e ganhos e ajuda uns aos outros. Enfim, o grupo foi se constituindo novamente: experimentando mudanças, desenvolvendo sua capacidade de compreensão e construindo novas regras e combinados.

A turma tem 2 (duas) professoras: Ana Lúcia como referência e Tatiana (Eu) como apoio que desenvolve alguns projetos ligados ao movimento do corpo e sobre o meio ambiente e é ela também que acompanha as crianças no laboratório de informática. Só é possível a realização do meu trabalho na sala de aula na troca dos nossos horários que são estabelecidos pelo ACPATE¹.

Hoje a turma é formada por 25 (vinte e cinco) crianças, 15 (quinze) meninos e 10 (dez) meninas. 2 (duas) crianças já estudavam na escola e estavam acostumadas com a rotina. As outras 23 (vinte e três) chegaram este ano e se adaptaram com muita tranquilidade. Buscamos proporcionar um ambiente acolhedor, em que todos se sintam aceitos, seguros e compreendidos e que mantenham um convívio saudável. Escolhemos um nome para nossa turma: Turma da Girafa ao estudarmos sobre o Meio Ambiente.

As entrevistas com os pais, nos ajudaram a conhecer um pouco mais a história de cada uma delas: com seu ritmo, jeitinho, preferências e experiências. A maioria da turma faz parte da comunidade do Bairro Palmeiras, vive com seus pais e gosta muito de assistir desenhos animados, brincar com seus brinquedos e de passear em casas de parentes.

Nessa turma as crianças são muito ativas, espertas, falantes e mostram muita disposição e entusiasmo por tudo que é proposto. Gostam de participar com suas opiniões e histórias, por elas, vivenciadas e na maioria das vezes, correspondem aos desafios a eles propostos. Há os que conversam pouco e outros que falam, gritam e levantam a toda hora e há também os que preferem apenas observar. Quando estão agitados apagamos as luzes e falamos baixinho, eles ficam mais tranquilos e essa estratégia tem funcionado bastante.

Alguns apresentam um pouco de timidez em se pronunciar diante do grupo e nesse momento é necessária e realizada a intervenção da professora com perguntas ou solicitações para que a criança fale sobre a atividade que fez ou sobre o tema conversado. Durante as atividades de escrita existe uma cooperação entre as crianças em ajudar o outro a concluir a tarefa.

O que elas mais gostam de fazer na escola é brincar de dança das caveiras, de super heróis, de mamãe galinha e dançar. E ficam com muito entusiasmo sempre que usam a massinha, os brinquedos da sala, de casa e as peças de montar. Adoram ouvir histórias, escrever, desenhar, usar canetinhas e participar das atividades no laboratório de informática às segundas-feiras e ir à biblioteca da escola para fazer o empréstimo e manusear os livros, às sextas-feiras. Também apresentam muita vontade de aprender as letras e os números.

O grupo possui crianças em diversos níveis de aprendizagem da escrita. Há os que conhecem todas as letras e números e já estão começando a juntar as letras e outros que apresentam dificuldades em escrever o próprio nome. Essas não conhecem muitas brincadeiras e cantam sempre as mesmas músicas.

Durante esse ano pretendemos oferecer às crianças oportunidades para que vivenciem momentos de independência, autonomia, socialização, cooperação, solidariedade, companheirismo, amizade, amor, alegria, respeito, descoberta, criatividade e assim contribuir para que sejam muito felizes!

As expectativas em relação ao trabalho a ser desenvolvido na Turma da Girafa são de enriquecer os objetivos traçados ao longo do ano de 2011, os quais pretendo contribuir com novas propostas de atividades, para a busca da qualidade de atendimento e a promoção da melhoria do trabalho pedagógico.

Assim, também desejo que o meu trabalho possa somar à de muitos outros educadores que querem dar um novo significado à educação, resignificando os vínculos entre aprender e viver, entre escola e realidade cultural. Portanto, vislumbro aceitar o desafio para continuar repensando o sentido do conhecimento, continuar a aprendendo e participar de mudanças constantes.

⁴ACPATE são atividades Coletivas de Planejamento e Avaliação do Trabalho Escolar. O tempo para o ACPATE foi estabelecido pela Lei 7.577/98 nos parágrafos 3º e 4º em seu artigo 4º.

4.5 Fundamentação teórica do plano de ação

4.5.1 O conceito de Alfabetização

A alfabetização consiste no aprendizado do alfabeto e na utilização da escrita como sistema de representação. É. Este processo não se resume apenas à aquisição das habilidades de codificação e decodificação da escrita, mas refere-se às capacidades de interpretar, compreender, criticar, resignificar e produzir conhecimento. Isso porque as capacidades de codificação e decodificação somente serão concretizadas se os alunos tiverem acesso a todos os tipos de portadores de textos. Ou seja, os alunos precisam vivenciar os usos sociais da leitura e da escrita.

A alfabetização envolve ainda o desenvolvimento de novas formas de compreensão e uso da linguagem, de uma maneira geral, porque a alfabetização também promove a socialização, já que possibilita o estabelecimento de novos tipos de trocas simbólicas com outros indivíduos e o acesso a bens culturais.

De acordo com Magda Soares (2003), atualmente é importante conhecer o funcionamento do sistema de escrita assim como também é importante poder engajar-se em práticas sociais letradas de uma sociedade grafocêntrica. Nesse sentido, constata-se que enquanto a alfabetização se ocupa da aquisição da escrita por um indivíduo ou grupo de indivíduos, o letramento focaliza os aspectos sócio-históricos de aquisição de uma sociedade. Ou seja, ao mesmo tempo em que a alfabetização e letramento são dois processos distintos, estão interligados, pois, para ser uma pessoa letrada é importante que essa já tenha passado pelo processo de alfabetização (SOARES, 2003, p. 125). Além disso, a alfabetização e o letramento são propulsores do exercício consciente da cidadania e do desenvolvimento da sociedade como um todo.

A alfabetização formal se fixa no primeiro e segundo anos do ensino fundamental, quando se considera que o aluno já é um leitor e começa a interpretar textos. Há

várias formas de se alfabetizar (métodos) e cada uma delas destaca um aspecto diferente no aprendizado. São eles: método da silabação, método fônico e método global.

4.5.2 O conceito de Ambiente Alfabetizador

Segundo Ana Teberosky (2003) um ambiente alfabetizador é aquele em que há uma cultura letrada, com livros, textos digitais ou em papel, um mundo de escritos que circulam socialmente. A comunidade que usa a todo o momento esses escritos, que faz circular as ideias que eles contam, é chamada alfabetizadora.

Para a autora, cada vez menos a sociedade auxilia a alfabetização por não promover situações públicas em que seja possível a circulação de escritos, debates, discussões e reuniões em que todos sintam necessidade e vontade de usar a palavra. Portanto, para ela a família deveria auxiliar a escola durante o processo de alfabetização das crianças, pois há estudos que comprovam que tal colaboração é favorável para a criança e para o processo de ensino-aprendizagem (ANA TEBEROSKY, 2003). Para obter êxito no processo de alfabetização um ambiente alfabetizador deve privilegiar a formação de grupos menores para as crianças, pois assim elas terão mais oportunidade de falar e ler, que são estratégias fundamentais, pois no processo de alfabetização é preciso compartilhar com a turma as características dos personagens, comentar e fazer com que todos falem sobre a história, pedir às crianças para recordar o enredo, elaborar questões, enfim, deixar que eles exponham as suas dúvidas e observações.

É importante identificar que durante o processo de alfabetização o estudante ouvirá o texto e organizará as informações que ele contém a fim de elaborar uma linha de raciocínio, pois a criança deve também diferenciar, selecionar as melhores palavras e expressões, perceber a organização da escrita em linhas, a separação das palavras, o uso de outros símbolos, como os de pontuação até que ela consiga entender e formalizar o seu texto.

É válido destacar que a quantidade de alunos na turma deve ser um ponto a ser observado, pois também é sabido que em classes com 20 a 25 alunos o processo de alfabetização se desenvolve com maior êxito. De certo que a criança ao ter contato com o material que faz o ambiente alfabetizador aprende mais rápido a ler e escrever, pois mesmo não sabendo ler, já mantém contato com os materiais de escrita, possibilitando assim a construção de um ambiente alfabetizador adequado e favorável à educação.

Todavia, para construir um ambiente alfabetizador, para promover a aprendizagem dos alunos e possibilitar às crianças a convivência com diversas formas de leitura e escrita, exige-se muita dedicação, inovação e criatividade do educador, pois é necessário que neste ambiente as crianças tomem acesso a imagens de animais, jornais, revistas, livros, além de um espaço para que as crianças possam expor os trabalhos feitos por elas no mural da sala de aula.

Neste ambiente, o papel do professor é criar e manter um clima de pesquisas e descobertas, para que os alunos façam descobertas e comecem a entender importância de ler e escrever, e então darão início ao processo que fará deles, escritores e leitores competentes. Contudo, é importante que os materiais utilizados no ambiente alfabetizador estejam ao alcance da criança, para provocar seu interesse, pois quanto mais o aluno tem acesso à cultura escrita, maior será a construção de conhecimento sobre a língua. Nesse sentido, materiais ricos em cultura escrita como jornais, revistas, livros e gibis, podem ser trabalhados como variados textos para o desenvolvimento do saber da criança. Os que comunicam sem precisarem de linguagem como rótulos de produtos bem conhecidos, auxiliam na produção de textos individuais e coletivos.

Dessa forma, quando a criança tem a possibilidade de participar ou mesmo observar situações em que a escrita e sua linguagem específica estão presentes, ela vive num ambiente alfabetizador.

Mas, não basta encher a classe com coisas escritas nas paredes. É muito mais do que isso. Portanto, o papel do professor é propor atividades que estimulem o aluno a

pensar, refletir, e inventar, realizando tarefas com qualidade, para que a criança pense sobre a linguagem escrita, pois as ideias desenvolvidas por ela justificam a presença do ambiente alfabetizador desde cedo (educação infantil).

4.5.3 Brincadeira e Aprendizagem

De acordo com as Proposições Curriculares da Educação Infantil da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte, durante muito tempo, acreditou-se que havia uma oposição entre brincar e aprender, até mesmo quando se tratava de educação infantil. Para aprender era preciso parar de brincar. Hoje, sabemos que, quando há estímulo à brincadeira, os resultados podem ser muito mais duradouros e profundos.

A brincadeira é o caminho do desenvolvimento na infância. Ao lidarmos com a educação infantil, precisamos ter consciência de que, quando as crianças brincam entre si, ou sozinhas, não estão perdendo tempo, mas sim construindo uma série de conhecimentos e habilidades importantíssimas e, ao mesmo tempo, revivendo e resolvendo uma série de conflitos emocionais.

O brincar é de suma importância para o desenvolvimento do raciocínio, da autonomia, da criatividade, da cooperação, das relações e interações das crianças com as crianças e das crianças com os adultos, além de auxiliar no processo de construção de regras e conhecimento e de proporcionar também o divertimento.

4.6 Caminho metodológico percorrido

As observações consistiram na primeira etapa desta pesquisa e foram realizadas em uma turma de crianças de 5 anos do 2º ciclo da infância da educação infantil e registradas em um diário de campo. Segundo Marconi e Lakatos (1996) o ponto de partida de um pesquisador é a observação, e tal etapa o obriga a ter contado direto

com a realidade pesquisada. Dessa forma, foram empregados recursos como: entrevistas através de rodas de conversas com as crianças, registros fotográficos e, também, foi realizado um levantamento bibliográfico sobre o tema para apoiar o Plano de Ação.

Já na segunda etapa foi elaborado um projeto de ação interventiva, construído com a participação da turma investigada, bem como sua aplicação. Para isso, foram utilizadas atividades lúdicas e divertidas que envolveram brincadeiras relacionadas à aquisição da base alfabética.

4. 7 Apresentação e análise dos dados coletados

Aqui apresento e discuto os resultados obtidos durante a coleta de dados, visando responder às perguntas formuladas na introdução desta pesquisa: como utilizar o brincadário na aquisição da escrita, apresentando as letras do alfabeto às crianças, abordando o nome e o som de cada uma, além de introduzir a ideia de formação de sílabas através das brincadeiras. Segundo Santos (2002):

A coleta de dados é a geradora de conhecimentos para o cientista. É de fato, a busca de matéria-prima (dados, informações, ideias alheias) que, confrontada com cada um dos objetivos planejados, gera inevitavelmente ideias, que comporão o “texto pensado” do pesquisador. (SANTOS, 2002, p.161)

Nesse sentido, descrevo como vivenciei o contato das crianças de cinco anos da Turma da Girafa, Sala 27 da EMPEV, da professora referência Ana Lúcia com a língua escrita aliada à brincadeira, local onde os dados foram gerados e do qual faço parte. Ao iniciar a pesquisa, fiz um levantamento junto com as crianças sobre o contato que elas tinham com as letras e as brincadeiras. Esse levantamento aconteceu no mês de agosto de 2011 através de rodas de conversas, apresentações de cartazes contendo letras do alfabeto, nomes dos alunos, pequenas histórias e livros.

Os dados obtidos através dessas conversas apontaram que alguns ainda tinham dificuldade de identificar as letras do alfabeto e a maioria não conhecia muitas brincadeiras.

Ao observar as crianças percebi que elas estão ávidas a aprenderem coisas novas. Nesse sentido, a educação infantil não deve fugir da realidade dessas crianças. A escola deve cumprir seu papel pensando nos estudos de Vigotsky (1989) que aponta para o contexto social como sendo de grande relevância no desenvolvimento infantil, sobretudo com as atividades que envolvem os jogos e as brincadeiras. Afinal, as crianças já nascem em um mundo onde os recursos tecnológicos já existiam e são assimilados como parte do seu cotidiano. Segundo Coscarelli (2005), a escola não é lugar de verdades absolutas e prontas. Para a autora:

O que precisamos fazer é acreditar que a escola pode ser diferente, divertida, que ela não é lugar das informações prontas, para as verdades absolutas. Ela é o lugar para construir, questionar, pensar, enfim, colocar em prática a velha história de aprender a aprender. (COSCARELLI 2005, p.39)

Pensando nesse lugar divertido, no qual o sujeito tem acesso a vários recursos e linguagens imprescindíveis para se tornar um cidadão letrado é que no próximo capítulo apresento um plano de ação desenvolvido.

4.8 A intervenção

No primeiro momento fizemos uma roda de conversa para a apresentação do trabalho que seria aplicado com as crianças daquela turma. Nos dias seguintes e na mesma semana, em várias rodas de conversas realizadas ao longo da semana, descobri que muitas crianças conheciam poucas brincadeiras. Durante as conversas, as crianças disseram o que costumam brincar quando estão acompanhadas, já que a maioria não tem companhia da mesma faixa etária fora da escola. Veja alguns trechos dessa conversa:

A gente brinca de boneca. (CRIANÇA 1).
Eu brinco com meu primo de carrinho. (CRIANÇA 2).
Só fico jogando videogame. (CRIANÇA 3).
Brinco sozinha de casinha. (CRIANÇA 4).
Eu também jogo videogame com meu pai. (CRIANÇA 5).
Ah, professora fico o dia todo com meus colegas da vila andando de bicicleta. (CRIANÇA 6).
Fico brincando com meus brinquedos. (CRIANÇA 7).
Gosto de brincar de salão de beleza, porque a minha mãe é cabeleireira. (CRIANÇA 8).
Gosto muito de assistir DVD. (CRIANÇA 9).
Jogo videogame com meu irmão até tarde. (CRIANÇA 10).

Falamos de brincadeiras antigas e atuais, brincadeiras de ruas, dos pais, dos avós e listamos as brincadeiras citadas num grande cartaz.

Na semana seguinte, cada dia apresentei às crianças diversos livros, revistas, sites e alguns materiais (folders, cartazes, capas de CDs de brincadeiras cantadas) sobre brincadeiras antigas e atuais. Elas ficaram encantadas com a quantidade de brincadeiras que nunca ouviram falar e a existência de uma mesma brincadeira com nomes diferentes, diferenciando apenas a região do estado e do país.

Na terceira semana da aplicação do Plano de Ação, começamos a selecionar algumas brincadeiras, bem como suas regras e curiosidades. Foi muito divertido e muitas vezes extrapolávamos o tempo da professora da sala. Optamos então por iniciar o trabalho colocando em ordem alfabética as brincadeiras escolhidas. Montamos um pequeno cartaz com as brincadeiras iniciadas com a letra A, depois com a letra B e assim foi sucessivamente com as demais brincadeiras escolhidas.

Nas semanas seguintes para desenvolver a linguagem oral e escrita e também a linguagem do movimento, iniciamos o segundo momento onde trabalhamos uma brincadeira por aula. Ou seja, três vezes por semana, pois os outros dois dias

restantes na semana eram dedicados ao *Projeto Jornal da Turma* e às atividades no laboratório de informática.

A cada aula uma brincadeira era apresentada através de um desenho ou um cartaz ilustrado que foi pesquisado no primeiro momento do plano de ação. A 1º etapa era escrever o nome da brincadeira no quadro para que todos pudessem visualizar as letras da mesma. A escrita era coletiva e as crianças levantavam hipóteses de como poderiam formar a palavra, dessa forma fiz várias intervenções auxiliando na reflexão e compreensão do processo de formação das palavras. A brincadeira da forca foi utilizada para explorar mais essa atividade. Depois da escrita, contávamos as letras, os pedaços (sílabas) e relacionávamos a primeira letra da palavra à outros objetos, por exemplo: “a brincadeira amarelinha começa com a letra A qual outra palavra também começa com essa letra?”

Em seguida, a palavra da brincadeira era distribuída numa ficha com as letras a serem cortadas, pois a atividade seria feita no caderno e no livrão que montaríamos coletivamente. As crianças cortavam letra por letra e depois como “um quebra-cabeça (de um alfabeto móvel)” tentavam formar a palavra da brincadeira colando na folha do caderno e em cada aula uma criança era escolhida para fazer essa atividade numa página do livrão intitulado “Brincadário”, ou seja, como um dicionário de brincadeiras, nessa página colocamos um pequeno texto do material pesquisado (as regras da brincadeira ou uma poesia ou música) e o registro da criança. Após essa colagem a criança fazia um registro em desenho da brincadeira trabalhada.



Figura 1



Figura 2



Figura 3



Figura 4



Figura 5



Figura 6

Ao término dessa penúltima etapa, nos deslocamos para o pátio e para quadra da escola para executar a brincadeira, ali apresentei as regras, demonstrei como era a brincadeira e esse momento foi uma euforia só. Dessa forma, essa atividade foi bastante significativa.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de percorrido um longo processo de trabalho e investigação retorno à pergunta inicial e à questão motivadora desta pesquisa: como utilizar o brincadário durante o processo de alfabetização para aquisição da escrita, apresentando as letras do alfabeto às crianças, abordando o nome e o som de cada uma e introduzindo a ideia de formação de sílabas através das brincadeiras?

Os dados obtidos através das conversas e entrevistas realizadas apontavam que alguns alunos ainda tinham dificuldade em identificar as letras do alfabeto e que a maioria não conhecia muitas brincadeiras. Sendo assim, a partir deste diagnóstico inicial pode-se traçar o caminho que deveria ser percorrido, a fim de se constatar se o brincadário poderia ou não ser uma ferramenta auxiliadora e contribuinte no processo de alfabetização.

Durante meses de trabalho foram se fixando possibilidades e se firmando expectativas, que ao final do projeto foram consideradas essenciais para a viabilização do Brincadário como ferramenta no processo de alfabetização. Já as crianças, além de despertarem para o processo de aprendizagem da escrita, seguiram encantadas com a quantidade de brincadeiras que não conheciam e que passaram a fazer parte do seu lazer.

Dessa forma, pode-se concluir, a partir deste estudo, que a escola pode sim ser um lugar divertido, mas no qual o sujeito também tem acesso a vários recursos e linguagens imprescindíveis para se tornar um cidadão letrado e alfabetizado. Nesse sentido, cabe ressaltar que o brincadário é mais um instrumento capaz de promover o processo de alfabetização, tornando mais prazeroso o processo de ensinar e de aprender.

6. REFERÊNCIAS

AROEIRA, Maria Luisa; SOARES, Maria Inês B. M. & ROSA, Emília A. *Didática de Pré-escola: vida criança, brincar e aprender*. São Paulo: FTD, 1996.

ARROYO, Miguel G. *Nova identidade da escola e de seu profissional*. In *Carpe Diem* (entrevista), 1995.

BRASIL, *LDBEN - LEI DE DIRETRIZES E BASES EDUCAÇÃO NACIONAL*. Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, MEC, 1996.

BRASIL. Secretaria Municipal de Educação: *Cadernos Ciranda Cirandinha: Projeto Político-Pedagógico Educação Infantil – A proposta em construção* (caderno 1). SMED: Belo Horizonte.

BRASIL, 2009. Secretaria da Educação. *Proposições Curriculares da Educação Infantil da Rede Municipal de Educação e Creches Conveniadas com a PBH*. SMED: Belo Horizonte.

COSCARELLI, Carla Viana. Alfabetização e Letramento Digital. In: Coscarelli, Carla; Ribeiro, Ana Elisa (Orgs.) *Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2005. P. 27-40.

FERREIRO, Emília. *Com todas as letras*. Tradução Maria Zilda da Cunha Lopes. 11. Ed. São Paulo: Cortez, 2003. p. 102.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996. p. 165. (Coleção Leitura)

HERNANDEZ, Fernando. *Transgressão e mudança na educação – os projetos de trabalho*: trad. Jussara H., R. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

KRAMER, Sônia. *A Política do Pré-Escolar no Brasil: a arte do disfarce*. São Paulo: Cortes, 1992

KRAMER, Sonia & BAZILIO, Luiz Cavalieri. *Infância Educação e Direitos Humanos*. São Paulo: Cortez, 2003.

KRAMER, Sonia (org). *CD-Rom Educação Infantil*, PUC-Rio, 2003.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Técnicas de pesquisa*. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 1996. 231p.

NÓVOA, António. *Os professores e sua formação*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995.

PERRNOUD, Philippe. *Dez novas competências para ensinar*. Porto alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

PIAGET, J. *A Construção do real na criança*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. 2000.

REVISTA NA CIRANDA DA INFÂNCIA. Belo Horizonte: CEPE/SMED nº 3, nov., 1997.

REVISTA NOVA ESCOLA. *Nada será como antes*. São Paulo: Abril, 2000. p. 14-17. dez. 2000.

SANTOS, Antônio R. dos. *Metodologia Científica: a construção do conhecimento*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, 164p.

SCHON, Donald A. *Educando o Profissional Reflexivo – Um novo design para o ensino e a aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed, 2000. 256 p.

SITE: www.pbh.gov.br

SITE: <http://revistaescola.abril.com.br/home>

SOARES, Magda B. *Letramento e Alfabetização: as muitas facetas*. Revista Brasileira de Educação. N 25, p. 5 -17, jan./abr. 2004.

SOARES, Magda B. *Alfabetização e letramento*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 125.
TEBEROSKY, Ana e COLOMER, Teresa. *Aprender a ler e a escrever – Uma proposta construtiva*. T. Colomer – Artmed 2003.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1984.

VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e Linguagem*. 2. Ed. São Paulo: 1989. 135p.

7. APÊNDICE 1

PLANO DE AÇÃO

1. JUSTIFICATIVA

A motivação para a escolha do tema surgiu a partir da identificação de três mudanças no que diz respeito à infância: a primeira diz respeito ao fato de que a brincadeira embora seja uma palavra estreitamente associada à infância e às crianças, está cada vez mais restrita. As brincadeiras tradicionais estão perdendo espaço na infância tendo em vista o fácil acesso as brincadeiras tecnológicas, pelo computador, por brinquedos eletrônicos e pelo acesso a televisão que “prende” as crianças dentro de casa, fazendo com que elas deixem de se divertir com as brincadeiras tradicionais que mexem com o corpo e se esqueçam de fazer o que fazem de melhor: *brincar*.

A segunda mudança diz respeito ao fato de que a escola vem priorizando o “estudo” fazendo com que as crianças estudem mais do que brinquem, sem levar em conta de que a brincadeira é uma fonte privilegiada de aprendizagem das crianças. Assim, as brincadeiras se limitam “à hora do recreio”, que normalmente tem duração de vinte minutos.

Finalmente, a terceira mudança se refere nas relações das crianças com os mais velhos. A distância estabelecida entre as gerações tem causado muitos problemas relacionais (convívio) entre as pessoas de gerações diferentes. A forma como as crianças e os adolescentes em sua grande maioria “se referem” ou “tratam” o idoso, faz com que o passado, ao invés de ser valorizado como referência para a construção do presente e do futuro, chega a ser “rotulado” como algo atrasado e ultrapassado.

Diante do exposto proponho uma seqüência didática para intervir com essa turma, realizando diversas atividades dentro de um dos projetos que já desenvolvo e que é ligado ao movimento do corpo e assim também ajudar na aquisição da escrita.

1. OBJETIVOS

2. Objetivo Geral

Contribuir para a aquisição da escrita, apresentando as letras do alfabeto às crianças, abordando o nome e o som de cada uma, além de introduzir a ideia de formação de sílabas através das brincadeiras.

3. Objetivos Específicos

Na linguagem escrita e oral:

- Propiciar apropriação do sistema de escrita alfabético;
- Estimular a reflexão, o raciocínio e a compreensão do processo de formação das palavras;
- Avaliar a iniciativa das crianças quanto à formação de palavras desconhecidas.

Na linguagem corporal:

- Desenvolver a coordenação motora e a linguagem corporal.
- Proporcionar jogos e brincadeiras;
- Promover a diversão e o lazer criativo.

No conhecimento de mundo: natureza e sociedade:

- Privilegiar o trabalho coletivo;
- Ampliar o repertório de brincadeiras;
- Valorizar a cultura tradicional;
- Resgatar brinquedos, brincadeiras e cantigas de roda da infância dos adultos com as quais a criança convive;

Na linguagem plástica e visual:

- Construir os próprios brinquedos;
- Estimular a criatividade com base na discussão sobre nomes de brincadeiras e brinquedos.

- Desenvolver a atenção, o raciocínio-lógico, a expressão oral e corporal, a coordenação motora, a percepção auditiva e visual da criança.

4. RECURSOS MATERIAIS

1. Papéis diversos: ofício A4, color set
2. Lápis de escrever, lápis de cor, canetinhas
3. Tesoura e cola
4. Materiais para confecção de um livrão coletivo com o registro das brincadeiras, bem como as pesquisas realizadas.
5. Outros materiais para confecção de algumas brincadeiras e brinquedos.
6. Quadra, pátio e outros espaços da escola.

5. METODOLOGIA

Sugestões de atividades para iniciar o projeto:

Atividades que poderão tomar outros rumos, após intervenção das crianças, pois segundo as Proposições Curriculares:

Projeto é uma construção própria do ser humano que se concretiza a partir de uma descrição inicial de um conjunto de atividades cuja realização produz um movimento no sentido de buscar no futuro uma nova situação que responda às suas indagações ou avance no sentido de melhor compreendê-las. Projeto é carregado de incertezas, ambigüidades, soluções provisórias, variáveis e conteúdos não identificáveis a priori e emergentes no processo, sendo continuamente revisto, refletindo e reelaborando durante sua realização. (Proposições Curriculares da Educação Infantil RME/PBH, 2009, p. 116)

- ✓ Introduzir o projeto para o conhecimento das crianças;
- ✓ Realizar rodas de conversa e discussão para saber o conhecimento prévio da turma SOBRE BRINCADEIRAS E CANTIGAS;
- ✓ Apresentar livros e alguns materiais sobre brincadeiras antigas e atuais;
- ✓ Confeccionar um varal de alfabeto com a lista das brincadeiras mais conhecidas;

- ✓ Selecionar e pesquisar junto com as crianças as brincadeiras escolhidas, suas regras e curiosidades.
- ✓ Identificar as letras e sílabas que compõem os nomes das brincadeiras através do alfabeto móvel e força;
- ✓ Fazer a demonstração das brincadeiras nos diversos ambientes da escola e brincar;
- ✓ Montar um livrão coletivo com as brincadeiras escolhidas. Cada criança confeccionará uma página do livro e demonstrará à turma como é a brincadeira. Essa página terá um pequeno texto do material pesquisado (as regras da brincadeira ou uma poesia ou música), o registro da criança e uma colagem com as letras do nome da brincadeira, formando a palavra. O restante da turma também realizará essa atividade no caderno;

6. AVALIAÇÃO

A criança será avaliada constantemente durante toda a realização do plano de ação, considerando o seu interesse, participação e envolvimento na realização das atividades propostas. E também preencherá uma folha avaliativa expressando o que achou do plano de ação.

7. CULMINÂNCIA

Confeccionar o Livro Coletivo intitulado “Brincadário” com as brincadeiras de A a Z, colocando uma brincadeira escolhida pela turma ao final do álbum. Expor na Mostra Cultural da escola, deixando as últimas páginas do livro para apreciação de todos.

8. REFERÊNCIAS

AROEIRA, Maria Luisa; SOARES, Maria Inês B. M. & ROSA, Emília A. *Didática de Pré-escola: vida criança, brincar e aprender*. São Paulo: FTD, 1996.

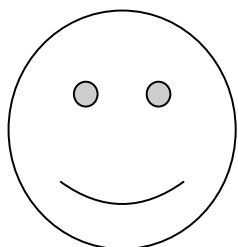
BRASIL, *PROPOSIÇÕES CURRICULARES DA EDUCAÇÃO INFANTIL REDE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E CRECHES CONVENIADAS COM A PBH*. Secretaria da Educação, SMED: Belo Horizonte, 2009.

8. APÊNDICE 2: Avaliação do Plano de Ação

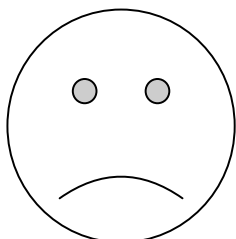
Escola Municipal Professora Efigênia Vidigal
Educação Infantil

“BRINCADÁRIO”

Pinte o rostinho que estiver de acordo com a sua opinião:



GOSTEI DE TRABALHAR NO PROJETO
“BRINCADÁRIO”



NÃO GOSTEI DE TRABALHAR NO PROJETO
“BRINCADÁRIO”

ALUNO (A) _____ SALA: _____